



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A princesa dos Olhos de Esmeralda

Por MARIA BRANCO
Desenhos de A. Castañé

PRIMEIRA CANÇÃO



ODA a floresta ardia em scintilações.
Cada árvore era um feixe de luz, fulgurante e multicolor.

A relva exalava perfumes, nunca sentidos.

Numa clareira, elevavam-se trônos de cristal e ouro.

Os pássaros haviam emudecido e os insetos quedavam-se embevecidos.

Dir-se-ia mesmo, que até as fontes e os ribeirinhos deslisavam mais mansamente doces...

Sómente, atravessando a floresta, rastejante em ondulações, caminhava uma enguiasinha, indiferente ao deslumbramento que a envolvia. Todavia, quando chegou perto da clareira, sons maraviosos, despertaram-na do seu sonhar.

Sobre cada trôno estava sentada uma fada e pela relva ninfas e zéfiros tocavam e bailavam...

A enguia julgou que fossem borboletas e nenufáres, que ela já conhecia dos juncaes, dos rios, e dos charcos e poças de água.

Cautelosamente aproximou-se.

Ao deparar com os lindos rostos das fadinhas, ergueu muito alto a sua cabecinha ponteaguda.

A Rainha Liliana acercou-se da enguia.

Esta julgou morrer, estremecendo das guelras até às barbatanas,

— «Não te arreceies. A fada Liliana não pertence ao grupo das mágicas e das Bruxas que espreitam os seres, para os torturar. Os meus servos não são gnomos maléficos e escarninhos.

Aqui só deparas com a alegria e bondade. Amamos a

puresa e a luz. Por isso a Suprema - Virtude, que é Deus, concede-nos a eterna juventude. Pressinto-te corajosa e sonhadora, vou fadar-te para que sejas uma enguia feliz».

Já a varinha do condão ia a baixar sobre o animalito, quando este implorou:

— «Transforma-me numa linda Princesa, ainda que tenha de chorar todos os dias!»

A fada entristeceu

— «Supunha-te mais sensata. O Orgulho acarretar-te-há grandes desventuras. Os mares, os rios e os campos eram teus. Ias a caminho da tua maternidade. Reflecte.

Torcendo-se em convulsões, a enguia expressava assim toda a sua dor.

— «Fada Lírio, Fada Açucena, Fada Brisa Ligeira, vinde auxiliá-me a construir mais outra ilusão» ordenou a Fada Liliana.

As quatro fadas desprenderam, das suas túnicas vaporosas, os

cendais de ouro e com eles enfaixaram o peixito. Estremeceu, vibrou intensamente e, em estertor prolongado, expirou.

A rainha das fadas fitava-a agora mais enternecida. Daquela pele viscosa e acinzentada, nasceu linda donzeli-

(Continua na página 3)



Sea a mocidade souhessa...

Por CARFLÓFER

PARA SER mais belo o mundo,
torná-lo, em amor, fecundo,
de almas numa loira messe,
bastava levar a efeito
a moral d'este conceito:
— *Se a mocidade soubesse !...*

Não custa nada sabê-lo:
Consultai quem no cabelo
já mostre a neve da idade.
O que em seguida eu vos digo
também êle, como amigo,
dizer-vos, por certo, há-de.

六

Enquanto alunos de escola,
fundi, temperai a mola
que andar vos fará na vida;
sêde bons, respeitadores:
tereis, em prêmio, louvores,
mesmo de norma cumprida.

A função preponderante no futuro é do estudante como seus ócios reparte: lêde o que fôr obra-prima, fazei natação, esgrima, vêde museus, curai de arte.

Entrando na vida prática,
de conduta a mesma tática
não deixeis perder de vista:
quem bem cumpre seus deveres,
é discreto em seus lazeres
honrosa fama conquista.

Nas cidades rumorosas,
mil atracções ardilosas,
sem recato, nem vergonha,
consomem bens e saúde
daqueles cuja virtude
barreira não lhes oponha.

Quando já fôrdes casados,
de filhinhos rodeados,
aos vossos dai são exemplo:

Espôso e pai, que se preza,
tem seu amôr como reza,
tem o seu lar como templo.

Mais tarde, exaustos, velhinhos,
entre afagos de netinhos,
bênçãos da terra e celestes,
aguardareis o momento
do final coroamento,
por todo o bem que fizestes.

Ai! daquele que, em contraste,
do bom caminho se afaste.

honesto que seja, embora!
Quantos dias de amargura,
quanta miséria e tortura,
pela sua vida fóra!

● ● ●

Meninos, estais na infância,
mas pequena é a distância
que vai dela à mocidade;
para vós, o «*se soubesse...*»
fique sendo «*se quizesse...*»
Entendeis, não é verdade?



 F I M 

A PRINCESA DOS OLHOS DE ESMERALDA

(Continuação da página 3)

nha com vestes de sedas brancas, e envolta em diáfanos véus.

Seus olhos eram verdes de certo verde estranho e suas feições de graça incomparável.

Segurando-a pelas mãos, trouxe-a a fada até junto de seu trôno.



A corte retomou o seu verdadeiro aspecto.

— «Princesa de Olhos de Esmeralda, realizaste a tua audaciosa quimera. Como a idealizaste?! Tu que vivias no rio Azul, onde os homens não existem?!»

— «Não foi a vaidade que me levou a este pedido, mas porque morro de amor pelo Príncipe Frisol. Via-o frequentemente no Rio Azul cantar belas endeixas. Quando o escutava, todo o meu empenho era ser uma linda Princesa, para o acompanhar nessas baladas e barcarolas».

As minhas lamentações comoveram certa enguia velha, sábia de correr mundo, que me assegurou que pela Terra existiam criaturas de grande poder, de alma tão linda e bondade tão perfeita que conseguiam mudar as formas, aos seres criados. Chamavam-se as «Fadas». Quanto tempo vivi obcecada por esta esperança! Assim, mal tive ordem de seguir para o mar, obedeci em alvoroço.

Não ambicionava a sociedade das outras enguias. Guiava-me a ilusão. Tanta fantasia, tanto sonho ridículo!

A Rainha das Fadas suspirou, murmurando um dolente: — «Pobre enguiazinha!»

Continuou: «É's franca. A tua lealdade encantou-me. Pois bem, minha filha, parte!... O castelo cujos torreões brilham além, do outro lado do mar, é a habitação do teu amor. Sê boa. Toma este fio de esmeraldas, belas como os teus olhos... Por cada acção virtuosa, as joias do teu colar tornar-se-hão mais puras. Não te envaideças! Se, ilusoriamente, consegui transformar-te em donzela real, basta

que te corra uma gota de sangue, ou profiras uma palavra sobre o teu Passado para, de novo, voltares à tua forma primitiva».

A Princesa sorria docemente. Embalada em rede de flores, os zéfiros transportaram-na à praia fronteiriça.

Cada fada voou para espargir sobre os berços, dos pequenitos, sonhos de inocência.

Os riosinhos e as fontes voltaram a sussurar e a borbulhar. Somente o perfume persistia ainda, quando sol-nado, na manhã seguinte, os lenhadores vieram à sua faina.

SEGUNDA CANÇÃO

Quando as atalaias depararam com a princesa, correram em chamamento de págens e escudeiros que a levaram à grande sala de honra, onde os Reis, o Príncipe e a corte se encontravam.

Todos admiraram a linda Princezinha mas como ela sorrisse a todas as perguntas, apelaram para os físicos que a declararam muda.

No entanto, a Princesa ficou a viver no palácio com grande prazer do Príncipe Frisol.

Quando havia montarias aos veados ou javalis, mal as trompas anunciavam a partida para a caçada, a Princezinha acercava-se das gelosias, a contemplar aquele quadro movimentado e cheio de cor.



A frente os págens-falcoeiros, depois o tropel de ginetes montados por garbosos cavaleiros. Sobressaindo entre todos, o Príncipe Frisol.

Atravessavam a ponte-levadiça, perdiam-se ao longe a caminho da floresta,

Então scismava longamente a Princezinha... Depois

sentava-se ao bastidor bordando as maravilhosas tapeçarias que tanto agradavam à Rainha.

O tempo corria célere entre prazeres e festas... Certa manhã, porém, a nova aterradora, avassalou o castelo-real.

Nos próximos burgos o pânico reinava já. Ao norte avisava-se o inimigo.

Armaram-se cavaleiros, companhias de aventureiros juntaram-se aos homens-de-armas. O Príncipe, de couraça e elmo resplandescentes, partiu, também, a defender a pátria.

No palácio ficavam os velhos e as mulheres, chorando e resando.

Meses e meses se passaram entre lágrimas e ansiedades. A Princezinha ocultava-se pela floresta, carpindo suas saudades.

Se deparasse a Fada Liliana !

Pedir-lhe-ia a paz, a trôco da sua vida !

Caía a noite.

Sons de buzinas... o tropear de folgadas montadas.

Uma amazona em palafrem ajaezado, acerca-se, altiva, da Princezinha.

— «Onde se encontrará a princesa Esmeralda ?»

— «Aqui me tendes, Senhora. Que buscais ?»

— «Admiro-me que recuperasseis a fala. Sois, então, muda e feiticeira !»

— «E' verdade que há muito não pronuncio palavra mas não vos compreendo, Senhora» balbuciou humildemente a Princezinha.

— «Sabei que sou a noiva do Príncipe Frisol.

A guerra acabou a trôco dos nossos esponsais.

Estes arautos, seguem para a cidade, anunciando a paz.

O Príncipe amava-te...

E' preciso fugires do reino, antes da sua volta.

Não podes cruzar caminho com aquele que, embora um tanto forçadamente... me pertence. Ele talvez se sacrificasse pelo seu reino, tu deves imolar-te pelo seu amor...»

Esporeando o alazão, perdeu-se ao longe entre nuvens de pó...

TERCEIRA CANÇÃO

Já o céu estava crivadinho de estrelas, quando a Princesa Esmeralda, voltou a si. Sofrera horivelmente, humanamente. Que fazer ? Embrenhou-se mais e mais pela floresta. Na margem do rio um leproso lamuriava doloridamente. A manhã rompia.

A Princesa acercou-se do velhote chagado. Lavou, cuidadosamente, úlcera por úlcera. Entrapou-as depois, delicadamente, no seu lindo veu de seda verde.

Partiu ao meio o colar, dando uma parte ao desgraçado. E, como ele tiritasse de frio, despojou-se bondosamente do seu manto de arminho, envolvendo com ele o pobre que balbuciava atônito :

— «Deus lhe pague, anjo do céu !»

Foi andando, andando, até perto duma vila. Logo à entrada certa jovem chorava.

— «Porque sofre ?» Inquiriu a Princesa.

— «A guerra acabou. Meu noivo chega amanhã. Mas meus Pais estão tão pobres, tão pobres, que não podem dar-me um vestidinho limpo, para as bodas» replicou a rapariga.

— «Dá-me o teu fato camponesa !»

Envergando os trajos desajeitados da pobrezita, presentou-a com a sua linda túnica de brocado.

E seguia sempre...

A noite chegava, a neve caía, farrapo a farrapo.

Súbito um cão, uivou sinistramente.

Próximo, o animal morria de frio. A Princezinha acercou-se do perdigueiro e aconchegou-o a si.

Lá em baixo, no vale, outro burgo se descortinava. Estava embrulhado em cortinas de juncos. Os vilões deviam estar ceando. Se a recolhessem, em qualquer tenda !

Nos seus braços, o cão reanimava-se e a Princezinha marchou apressadamente.

A vila adormecia. A porta da abóbada ia a fechar-se. O





guarda deixou-a passar, a trôco das suas últimas esmeraldas.

Ao acaso, bateu a várias portas. Negavam-lhe hospitalidade. Um anel brilhava-lhe no dedo.

Tinha sido o último presente do seu amado Príncipe. Mostrou-a à dona da casa. Resmungando, aceitou-a e em paga, deitou algum caldo ao perdigueiro. Depois de regalado, o animal anichou-se perto do arco. A Princezinha ouviu, então, gemidos. Da habitação fronteira, sem empenhas



nem tôrres, quasi a desmoronar-se, saíam êsses queixumes.

A Princesa bateu. Três rapazes sujos, precipitaram-se a abrir-lhe a porta. A meio do tuguio, deitada sobre mantas rotas, uma rapariguinha soluçava.

Paralítica, ignorava a louca alegria de correr e mal vira o sol, peneirado pelo arco. Tinha oito anos. Os irmãos aborreciam-na com as suas brincadeiras folionas e destrambelhadas. No tempo em que a mãe vivia, gozara horas felizes. Ela contava-lhe histórias lindas de Príncipes e de Fadas...

Mas havia um longo ano que ela morrera.

A Princezinha não atendera mais.

Sentou-se ao lado da doentinha e começou desfiando a sua vida, pouco a pouco...

Os rapazes acocoraram-se pelo chão, extasiados; a pobre Princezinha sorria divinamente...

A noite a correr e a Princezinha a contar... a contar tôda a sua existência.

Mas o passado reviveu também. A Princezinha sentiu-se sufocar; um estalido seco, e, rapidamente, transformou-se numa enguia.

Assustados, os rapazes agarraram em paus.

Mais afoito, o mais velho atirou-a ao beco. O peixe caiu em certa póça lamacenta.



Quando o Pai chegou, contaram-lhe tudo. O Pai quis observar a enguia. O animal tinha morrido, mas o charco era uma mina de esmeraldas.

Que alegria! Ricos, fabulosamente ricos!

A paralítica, indiferente, sonhava, ainda...

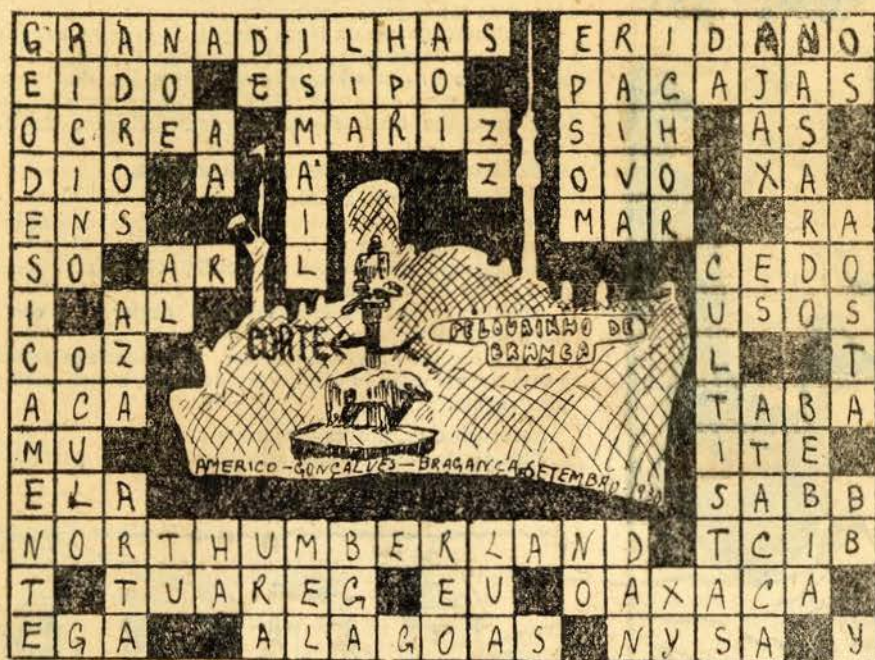
QUARTA CANÇÃO

Longe do mundo. No país das flores e das fadas, a Rainha Liliã amparava certa formazinha indistinta.

Em seus dedos mágicos, essa materiazinha corporisou-se e a Princesa Esmeralda, mais bela do que nunca, reapareceu às fadas.

— «As orações de dois corações humanos subiram a Deus que consentiu em que se operasse em ti, o mais estupendo milagre! És fada. Dêste a tua vida por um sorriso de criança! Nomeio-te a «Fada dos Contos». Viverás com o melhor quinhão da humanidade: — as crianças, as mães e as avós!...

Solução do problema anterior das Palavras Cruzadas



Continuação do conto:

A PRINCESA DOS OLHOS DE ESMERALDA

Gosa a recompensa da tua excelsa bondade.

Esfolha, a mãos cheias, a Ilusão e a Esperança.

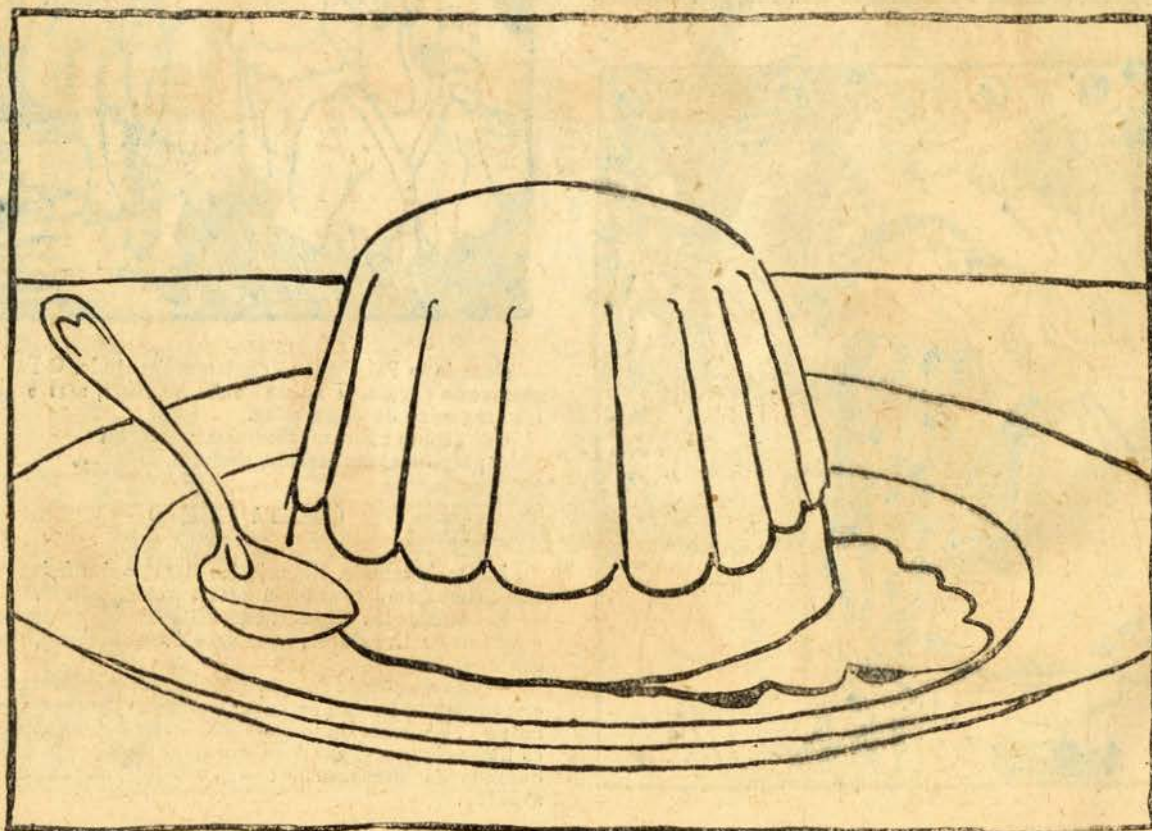
Dizendo isto, Fada Liliana beijou a Princezinha que, confusa, sorria deliciosamente...

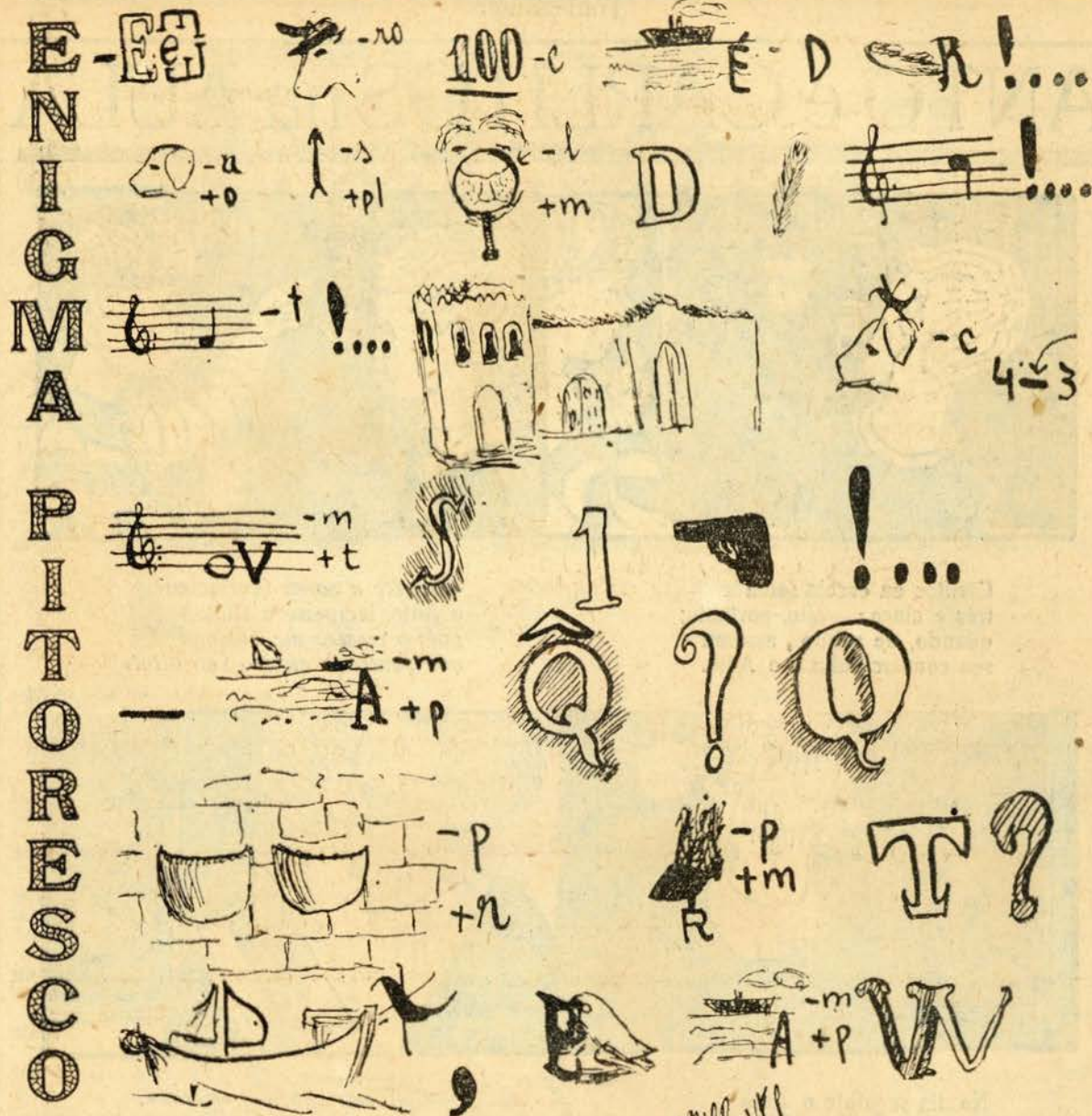
Desde então, ela acompanhava todos os meninos, pois que nem um, sequer, deixou de escutar por certo, dos lábios maternos, as histórias maravilhosas que correm mundo e que a «Fada dos Contos», a linda Princezinha Esmeralda, semeia aos quatro ventos.

*** F I M ***

Solução da adivinha anterior: — José, António, Joaquim, Manuel, João Isidro, Frederico, Mário, Candido, Augusto, Artur, Miguel, Francisco, Luís, Filipe, Custódio Fernando, Alfredo, Rui, Pedro.

PARA OS MENINOS COLORIREM





*Anterior
Grande Lives*

-d
+l

! ...

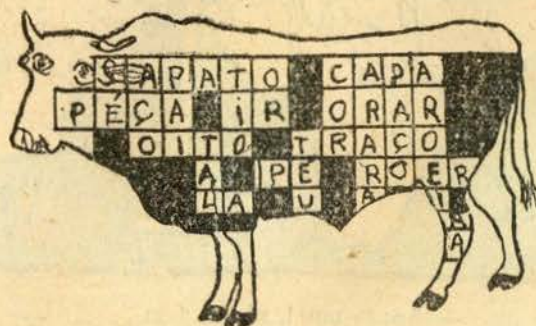
SOLUÇÃO

do problema anterior das
PALAVRAS CRUZADAS

A DIVINHA

Colocar nos pontos respectivos, letras de maneira a formar nomes de mulher

M . T . . D .
A . . . E
L . O . . .
M
A
I
A . . L . .
E . I . . .
. M . . I .
. . A . A



ANTO e CARLITOS na AULA



Carlitos na escola soma três e cinco: — oito, portanto; quando, de súbito, assoma seu condiscípulo: — o Anto.

«Erraste a soma (exclamou o Anto, lampeiro e afoito,) pois o mestre me ensinou que quatro e quatro são oito!»



No dia seguinte o Anto na ardózia estava escrevendo o que o mestre ia ditando á medida que ia lendo.

— «Escreva agora — «meteu».
— « Pronto! » diz o camarada.
Contudo o Anto escreveu «metteu» com letra dobrada.



— «Apaga um t, só um tem em moderna ortografia,» (murmura o mestre) porém Anto hesita. Todavia,

lépido, volve: — «qual deixo o da esquerda ou o da direita?» O professor coça o queixo e a responder não se ageita!